

## ELEIÇÕES

Para atrair o voto feminino em Bolsonaro e consolidar o evangélico, PL destinará a Michelle 30% do tempo de propaganda partidária

# Primeira-dama reforça campanha

» CRISTIANE NOBERTO

O PL vai dedicar à primeira-dama Michelle Bolsonaro 30% do tempo destinado ao presidente Jair Bolsonaro na propaganda partidária no rádio e na televisão. A estratégia é se comunicar diretamente com o eleitorado evangélico e feminino. Ao lado da ex-ministra Damares Alves (Republicanos), ela terá agendas próprias pelo Brasil para trabalhar na campanha do marido.

O partido terá direito a 40 inserções, de 2 a 11 de junho. Em 12 desse total a primeira-dama aparecerá. A ideia é, por meio de dela, apresentar uma imagem mais suave do presidente.

Michelle se filiou à sigla na terça-feira passada, mas está em campo há mais tempo. Ela tem participado de agendas de Bolsonaro pelo país e até discursado.

Articuladores do presidente afirmam que a imagem de Michelle é positiva para cativar o eleitorado que ainda o rejeita, especialmente as mulheres.

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) apontam que elas formam a maior fatia de eleitores no Brasil: são 79,2 milhões, contra 70,5 milhões de homens.

Pesquisa Datafolha da semana passada mostrou que Bolsonaro tem 33% de intenção de votos femininos, enquanto o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) soma 49%.

O uso da imagem da primeira-dama também busca consolidar o eleitorado evangélico, em que o presidente está bem avaliado. Segundo o Datafolha, ele tem 39% dos votos desse segmento, enquanto Lula aparece com 36%.



**O público feminino é um calcanhar de aquiles de Bolsonaro. Ele vai ter de usar (Michelle) na campanha para tentar reverter esse quadro"**

André César, cientista político

Uma das bandeiras que Michelle levantará será do empreendedorismo, mas ainda não está como se dará a atuação dela.

Questionado se houve algum encontro com a primeira-dama para abordar o assunto, o deputado federal Marco Bertaiolli (PSD-SP), presidente da Frente Parlamentar do Empreendedorismo, afirmou que ainda não teve agenda com Michelle. Contudo, considera uma "boa ideia" tê-la como aliada nessa pauta.

Para analistas, a estratégia pode ser válida, mas o discurso precisa estar alinhado. "Como a imagem dele (Bolsonaro) vem desgastada em outras áreas, pode ser considerado um novo rosto de campanha. Um rosto que as pessoas têm mais simpatia, proximidade e reciprocidade. Ajuda na comunicação, sim, mas não faz milagre", frisou Eliane Alencar, consultora política e estrategista digital. "É necessária uma harmonia dos lados. O discurso do político precisa conversar com

a da apoiadora. Caso contrário, se torna uma estratégia ineficaz. Não adianta ter uma pauta, e o candidato, de repente, esquecer isso no discurso, ou não colocar em prática", acrescentou.

Na mesma linha, o cientista político André César, sócio da Hold Assessoria, afirmou que tudo é estratégia baseada em pesquisas internas para avaliar as fragilidades importantes de cada campanha. Segundo ele, o PL tem ciência dos pontos fracos, mas a imagem de Michelle pode não ser tão eficaz. "O público feminino é um calcanhar de aquiles de Bolsonaro. Ele vai ter de usar (Michelle) na campanha para tentar reverter esse quadro. Mas não creio que será bem-sucedido", destacou. "A questão mais importante ainda é a economia, é o ponto nevrálgico para a sociedade, e todo mundo está sentindo. Esse é o problema. Não vejo com grande êxito ou que vá mudar o quadro geral de fortalecimento do Bolsonaro", emendou.

Ainda não há informações sobre como serão as inserções de Michelle, mas as de Bolsonaro já começam a surgir. Na semana passada, ele esteve na Capela São Pedro Nolasco, na Vila Telebrasília, para gravar as primeiras delas. O presidente aparecerá de forma descontraída em conversa com jovens e mulheres frequentadores da igreja.

Nas mensagens para cada estado, às quais o Correio teve acesso, ele destaca, além dos feitos de seu governo, a pauta de costume. "Somos contra o aborto e a favor da vida. Sem pandemia, sem corrupção e com Deus no coração, ninguém segura este novo Brasil", afirma.

Cláuber Cleber Caetano/PR



Michelle Bolsonaro tem participado de agendas do presidente pelo país e até discursado

## Comissão descarta risco de fraude em urnas

» LUANA PATRIOLINO  
» TAÍSA MEDEIROS

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Edson Fachin, recebeu, ontem, o relatório final da Comissão Avaliadora do Teste Público de Segurança do Sistema Eletrônico de Votação (TPS) sobre os procedimentos realizados nas urnas. O parecer descarta qualquer risco de fraude nos votos.

A comissão informa que nenhum dos "achados" identificados no TPS do ano passado violaram o sistema, que continua íntegro e seguro. "Observa-se, ao longo dos eventos do TPS realizados de 2009 até o momento, que os resultados apresentados demonstram a maturidade dos sistemas eleitorais", diz o relatório.

De acordo com o texto, a análise dos processos, sistemas e componentes da urna eletrônica transmite "segurança" e "confiabilidade" para o eleitor. O relatório é assinado pelos 10 membros da comissão, composta por representantes do Ministério Público Federal (MPF), da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), do Congresso Nacional, da Polícia Federal (PF), do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea) e da Sociedade Brasileira de Computação (SBC), além de três especialistas da área acadêmica e científica.

No último dia 13, os técnicos do TSE concluíram a última rodada de testes públicos de segurança nas urnas eletrônicas que serão usadas nas eleições de outubro.

De acordo com a Corte, os investigadores não conseguiram alterar votos, afetar a apuração ou fraudar qualquer tipo de contagem.

A lisura do sistema eletrônico é colocado em dúvida insistentemente pelo presidente Jair Bolsonaro (PL). Ele alega possibilidade de fraude, mas nunca apresentou prova da acusação. Com a proximidade do pleito de outubro, o chefe do Executivo tem reforçado os ataques.

Na contramão de Bolsonaro, outros presidentes defendem veementemente a segurança do sistema. Entre os argumentos, eles mencionam os sucessivos testes a que são submetidas as

Ascom/TSE



O presidente do TSE, Edson Fachin, recebeu o relatório do Teste Público de Segurança 2021 do Sistema Eletrônico de Votação

### Ataques

Os testes públicos de segurança nas urnas são feitos desde 2009 e, na última edição, tiveram duração estendida. Segundo o TSE, foi o maior procedimento já realizado, com número recorde de inscritos e mais tempo para verificação dos códigos-fonte. Peritos, hackers e pesquisadores tentam atacar o software das urnas em busca de falhas.

urnas eletrônicas.

A pré-candidata do MDB, senadora Simone Tebet (MS), disse temer as consequências das acusações infundadas contra o sistema eleitoral. "A queda do índice de confiança preocupa, porque reflete uma ameaça crescente à democracia", ressaltou. "O que se espera de um presidente da República é que ele defenda nossas instituições. Temos de dar um basta nisso. Aliás, fortalecer o ambiente democrático é justamente a principal tarefa da minha pré-candidatura", acrescentou.

Ciro Gomes (PDT), por sua vez, apontou dois objetivos principais que, segundo ele, fazem com que

Bolsonaro tente lançar dúvidas sobre as urnas: "Criar uma desculpa para sua derrota certa em outubro e desviar o foco dos assuntos que, hoje, realmente o povo brasileiro quer ver resolvidos, mas para os quais Bolsonaro se mostra incompetente, como inflação, desemprego, fome, miséria, violência etc. Defender nosso sistema eleitoral é defender a democracia", conclui.

### Presidenciais

O deputado Luciano Bivar (PE), pré-candidato do União Brasil, destacou que narrativas não prevalecem ante a verdade.

"As urnas eletrônicas brasileiras são seguras e se tornaram uma ferramenta indispensável no processo eleitoral. A democracia tem de se alimentar da modernidade digital", sustentou.

Já o pré-candidato do partido Novo, Felipe d'Ávila, destacou que a estratégia de Bolsonaro não é inédita. "O objetivo dos demagogos autoritários é justamente atacar a legitimidade das instituições democráticas, que servem como contrapeso ao poder personalista daquele que se autointitula o 'único' representante legítimo da vontade popular. Essa é uma estratégia comum em países governados por populistas", afirmou. O

postulante ao Planalto reiterou a confiança das urnas, que asseguram, desde 1996, a integridade dos pleitos no Brasil. "A democracia requer não só a existência de eleições limpas, mas da grandeza do perdedor de reconhecer a vitória do seu opositor e aceitá-la como parte da regra do jogo."

Na última terça-feira, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) também criticou Bolsonaro. "Se a urna eletrônica pudesse ser violada, como ele fala, Lula não poderia ter sido eleito duas vezes, nem Dilma (Roussuff). Quem ganharia todas as eleições seria a turma de Bolsonaro", afirmou.

## Desinformação é o problema

Apesar da segurança das urnas eletrônicas, a confiança dos brasileiros nos equipamentos caiu nove pontos percentuais nos últimos dois meses, conforme levantamento do Instituto Datafolha, publicado na sexta-feira. Segundo a pesquisa, 73% afirmaram acreditar na lisura das urnas. Em março, eram 82%. Os números foram apurados em meio às investidas do presidente Jair Bolsonaro (PL) contra o sistema de votação.

Advogada e integrante do LiderA — observatório eleitoral do IDP —, Bianca Gonçalves e Silva acredita que a queda na confiança do eleitor se dá, em especial, pela desinformação. "O TSE tem tentado transformar um conhecimento técnico em um conhecimento mais acessível, para que a população possa, de fato, saber como funciona e confiar mais", disse.

Ela frisou que surgem dúvidas, também, porque a maioria dos países não usa urnas. "Isso é um pouco do complexo que nós temos, como se o Brasil não pudesse produzir algo bom. Na verdade, somos exemplo para o mundo. Nas eleições, temos o acompanhamento de autoridades eleitorais de outros países, para saber o funcionamento, e, seguidamente, as urnas são elogiadas", comentou.

O presidente da Associação Nacional dos Peritos Criminais Federais (APCF), Marcos de Almeida Camargo, ressaltou que todas as auditorias e testes públicos de segurança são parte de um processo transparente. Porém, grupos mal-intencionados costumam pegar o fato de que vulnerabilidades são identificadas e espalham desinformação, como se comprovasse supostas irregularidades nas urnas. "Todos os testes identificam vulnerabilidades, e é absolutamente normal identificá-las. Mas eles pegam essas vulnerabilidades e destacam como se fosse uma comprovação de fraude. Geram uma interpretação desvirtuada. Você fica massificando informações que são verdadeiras, mas desconstruindo", explicou. (TM)

26

Número de investigadores que atuaram nos testes de ataque às urnas

29

Quantidade de planos de ataques feitos nos testes contra as urnas